

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP Class.: 55

Data 16/10/79 Pg.: \_\_\_\_\_



Foto José Andrade — Telefoto Estado

Na assembléia, os índios se queixaram das divergências entre o Cimi e a Funai

## Com denúncias, índios terminam reunião ESP 16.10.79

Do correspondente em ARACAJU

Além das denúncias que fizeram — entre as quais a do assassinio de uma índia a pauladas e pontapés, e a da expulsão dos xocós das terras que ocupavam — os 50 participantes da 13ª Assembléia Indígena Nacional, que terminou domingo em Sergipe, decidiram questionar as divergências existentes entre o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Funai, órgãos que, segundo eles, defendem os interesses deles "mas vivem brigando e não se unem como nós".

As denúncias dos índios foram feitas diante do presidente do Cimi, d. José Gomes, bispo de Chapecó, e dos representantes da Funai e do Ministério do Interior, respectivamente o ser-  
tanista Sidney Possuelo e o

assessor Hércio Gomes Soares, presentes à assembléia realizada na ilha de São Pedro, no Baixo São Francisco, a convite dos remanescentes da tribo Xocó, que ocuparam a área no mês passado.

As reuniões foram realizadas durante todo o dia, com os líderes de 17 tribos de oito Estados agrupados debaixo de um pé de tamarindo. Eles permitiram a presença dos representantes da Igreja e do governo apenas como assistentes, sem direito à palavra. À noite, eram apresentados espetáculos musicais e de dança, típicos de cada tribo, e no domingo, quando a assembléia terminou, os índios assistiram a uma missa concelebrada pelos bispos d. José Gomes e d. José Brandão de Castro, este da diocese de Propriá, Sergipe.

De todas as denúncias

apresentadas na reunião, a que mais impressionou os participantes foi feita pelo índio José Pequeno, da aldeia de Pradinho, município de Bertópolis, Minas Gerais. Ele falou sobre a morte de sua mãe, atacada pelos filhos de um fazendeiro da região, quando descansava à beira de uma estrada em companhia do marido, que também apanhou. Ele revelou, ainda, que os 500 maxakalis de sua tribo estão passando privações e as crianças, com sarna, não contam com nenhuma assistência médica.

No domingo foi divulgado um documento contendo o resumo das denúncias de todas as tribos, entre as quais as que foram feitas pelos índios xocó, que há mais de 30 dias estão vivendo debaixo dos tamarindeiros e juazeiros da ilha, ao relento. No documento, os xocó dizem exigir que seja

resolvida logo a questão da posse da ilha de São Pedro, que é reivindicada na Justiça pela família do prefeito de de Propriá, Antonio Brito, e dizem também precisar de remédios e "de um local para as crianças estudarem, pois elas estão sentadas no chão, debaixo das árvores, precisando de aulas".

Também no domingo, falando sobre a crítica dos índios a respeito da reunião entre o Cimi e a Funai, o representante da fundação, Sidney Possuelo, disse que o órgão federal é "crítico e grande parte das denúncias feitas pelos índios são procedentes". Entretanto, ele afirmou que a nova direção da Funai quer manter um diálogo com o Cimi e está aberta a críticas e à vigilância da opinião pública.

Para d. José Gomes, presidente do Cimi, a tentativa de diálogo entre esse órgão e a Funai existe, não querendo isso significar, porém, uma capitulação por parte do Conselho Indigenista. "Todos estão dispostos a um diálogo no sentido de que o único beneficiado seja o índio", disse o bispo. "Acontece, porém, que apesar da boa vontade do presidente da Funai em estabelecer um diálogo, a 13ª Assembléia Indígena encontrou dificuldade para ser realizada e muitos índios deixaram de comparecer devido a proibições expressas de chefes de postos indígenas da Funai."